



Da viola ao microfone: a história de Antônio Vicente Schmitz e do programa Bom Dia Sertanejo¹

Silvéria ZANCHI²

Leoni SERPA³

Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, SC

RESUMO

Antônio Vicente Schmitz, o Leozinho, é um dos mais antigos radialistas em atividade no Brasil. Natural de Chapecó, ele começou a trabalhar no rádio em 1954. Ao longo dos últimos 57 anos, Leozinho uniu a viola ao microfone e construiu uma trajetória pessoal e profissional que se mistura a história do próprio rádio. Na Peperi, antiga Rádio Colméia, o músico e radialista estreou junto com a emissora em 1959 e está no ar até hoje. O programa Bom Dia Sertanejo, no ar há 29 anos, é um espaço de resgate e preservação da música sertaneja de raiz, a mesma que levou Leozinho para o rádio em 1954. O presente trabalho é uma reconstrução dos principais momentos da vida profissional de Leozinho. O objetivo da pesquisa é resgatar e registrar a história do radialista e, por meio dela, ressaltar momentos marcantes da história do rádio de São Miguel do Oeste.

Palavras-chave: Rádio – Perfil - História - Música de raiz

1 INTRODUÇÃO

A história do rádio no Brasil foi feita por personagens ilustres, como Getúlio Vargas, Roquete Pinto e Assis Chateaubriand, mas também por milhares de profissionais abnegados que mesmo sem o devido reconhecimento da história, militaram no veículo. Um deles é Antonio Vicente Schmitz, o Leozinho, um dos locutores mais antigos em atividade no Brasil. Aos 75 anos, 57 deles dedicados ao rádio, o locutor e músico mantém uma relação quase umbilical com o veículo. O objetivo desse trabalho é reconstruir os principais momentos da história do radialista a partir dos relatos e das experiências que ele teve. Entre o dia que sintonizou a rádio Nacional pela primeira vez no início dos anos de 1940 e o atual trabalho na rádio Peperi AM como locutor de um programa de música sertaneja, ele acompanhou e viveu as

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Recém-graduada no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Unoesc São Miguel do Oeste, email: silveria@peperi.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Unoesc São Miguel do Oeste, email: comunicacao.smo@unoesc.edu.br



diferentes fases do rádio. Desse modo, a presente pesquisa reveste-se de importância enquanto possibilidade de registrar a história pelo olhar desse profissional.

Além de construir um perfil do radialista Antonio Vicente Schmitz e, dialeticamente, cruzar e relacionar a história do profissional com os momentos mais marcantes e significativos para ele dentro da história do rádio nos últimos 60 anos, o artigo aborda a importância e o papel do programa Bom Dia Sertanejo para a valorização da música sertaneja raiz em um cenário de modismos musicais e produções voltadas apenas para o consumo.

2 O HOMEM E O RADIALISTA ANTÔNIO VICENTE SCHMITZ

O ano de 1936 foi marcado pela inauguração de uma das emissoras mais importantes do país. Desde o início, a Rádio Nacional era uma das preferias da família Schmitz. Quando a rádio iniciou as transmissões em 1936, o casal Antônio e Maria Trindade Schmitz morava em Passo Bormann, interior de Chapecó. Eles viviam da agricultura, especialmente do plantio de erva mate e de grãos.

Naquele ano de 1936, dona Maria deu luz ao sétimo dos seus nove filhos. Antonio Vicente Schmitz nasceu no dia 19 de maio. Naquela época o rádio já ocupava um lugar destaque no centro da casa de madeira da família. Aliás, na comunidade de Bormann interior de Chapecó apenas duas residências contavam com aparelhos de rádio. Uma era a de Afonso Scheffer e a outra, a de Antonio Schmitz. No entanto, ninguém imaginava que o então caçula faria carreira naquele equipamento que encantava e chamava a atenção de todos.

Naquela época, a família se reunia nas quartas-feiras e domingos a noite ao redor do aparelho para ouvir os históricos programas de auditório e as notícias. Vicente estava junto. O som que vinha da caixa encantava o menino. Por volta dos 8 ou 9 anos de idade, ele colocou em prática o que viria a se tornar sua profissão. Vicente transformou um galpão da propriedade em uma emissora fictícia. Nos dias de chuva, ele ia para o local e montava um estúdio de rádio. Vidros, sacos de grãos e fios eram usados para simular uma rádio e o sabugo de milho virava o microfone. Ele ficava horas lá dentro, imitando os locutores, repetindo os textos comerciais e cantando os sucessos da época. “Eu decorava as propagandas que os caras faziam na rádio Nacional de São Paulo, na Tupi, na Record e eu fazia também na minha emissora. O meu mundo era ali. A minha rádio era ali.” (SCHIMITZ, 2011, informação verbal). Mesmo sem nunca ter visto uma



emissora de rádio de verdade, fascinado, Vicente montou a dele para brincar e, mesmo sem saber, dar o primeiro passo para uma profissão que viria menos de 10 anos depois.

Mas não foi só o rádio que inspirou Vicente. A música sertaneja de raiz também esteve presente na vida dele. Antes mesmo do próprio rádio.

2.1 A MÚSICA E O INGRESSO NO RÁDIO

Os Schmitz de Passo Bormann, hoje distrito de Marechal Bormann, formavam uma família de agricultores e de músicos. Entre pai, mãe e nove filhos, somente o mais jovem não seguiu esse caminho. Lorenzo Schmitz foi estudar e formou-se em Engenharia. Vicente, assim como os demais irmãos, estudou até o terceiro primário. Os negócios da família eram as lavouras e a música. Antônio, o patriarca, era um músico requisitado nos anos de 1940 e 1950. Tocava gaita de botão, assim como a esposa Maria Trindade.

Além da produção agrícola e das eventuais aparições musicais dos patriarcas em festas de casamento e das comunidades vizinhas, os Schmitz tinham um dormitório e um salão. O local funcionava como uma espécie de hotel, com quartos para o pernoite de viajantes. No mesmo espaço, a família tinha um salão para bailes e eventos, além de um bar para venda de bebidas. A casa estava sempre cheia de gente e as festas eram constantes. Desse modo, Vicente cresceu ouvindo rádio e música quase todos os dias. A fusão desses dois aspectos – o rádio e a música - era uma questão de tempo. E isso aconteceu um pouco antes dele completar 18 anos no ano de 1954. O irmão Alberto, que tocava pandeiro, resolveu leva-lo para Chapecó. Vicente dominava o acordeon e a dupla assumiu um programa de uma hora na rádio Chapecó.

O meu irmão fez esse contrato, era um contrato de boca, mas quando duas pessoas tratavam, se cumpria. Foi com uma empresa grande que existia lá, que vendia rádio e material de sonorização. Rádio Frequência era o nome da empresa. O contrato era para nós cantar na rádio Chapecó todos os domingos das 11h ao meio-dia. (SCHMITZ, 2011, informação verbal).

Foi a partir desse contrato que Antonio Vicente Schmitz entrou em um estúdio de rádio pela primeira vez. Na companhia do irmão, ele permaneceu nove meses no ar. A dupla apresentava o programa e tocava as canções que eram solicitadas pelos ouvintes. Na época, os pedidos vinham por cartas escritas a mão e endereçadas a produtora do programa, a Rádio Frequência. O responsável pela empresa selecionava e redigia as cartas que eram lidas no ar. Na sequência, a dupla de apresentadores se



encarregava de tocar as canções na hora, ao vivo. Esse tipo de formato era o mesmo que era usado pelas grandes emissoras do centro do país. O resultado era surpreendente. Vicente conta que o programa recebia, em média, 100 cartas por semana.

O programa e a parceria Alberto e Vicente duraram menos de um ano. Nove meses depois da estréia, a primeira experiência no rádio chegou ao fim junto com a dupla. Alberto casou-se e Vicente seguiu para o exército entre 1954 e 1955. A passagem pela rádio Chapecó abriu o caminho para as apresentações em bailes e festas. O rádio, na primeira fase da vida dele, surgiu como um reforço para a atividade de músico.

Depois de Chapecó, Vicente seguiu para o Paraná, onde prestou o serviço militar obrigatório. À noite, ele apresentava um programa sertanejo na rádio Guairacá⁴. Durante uma hora e meia, Vicente fazia a locução e anunciava as músicas, todas de sertanejo raiz. Finalizado o programa, o radialista seguia para as casas de shows e boates da cidade onde se apresentava.

Vicente permaneceu no Paraná até o ano de 1958. Quando estava perto de completar 21 anos, o músico e radialista colocou a mochila nas costas e pegou a estrada mais uma vez. Agora, o destino era o Rio de Janeiro. A cidade escolhida foi Nova Iguaçu. A rotina foi a mesma de Curitiba: pensão, rádio e apresentações na noite. Na rádio Solimões⁵, Vicente era o locutor do horário noturno. Ele entrava no ar às 20h e comunicava até a meia-noite.

Quando estava no ar, Vicente se inspirava nos grandes locutores da época. Nos anos dourados do rádio, eles desfrutavam de grande prestígio junto ao público. O reconhecimento e a aceitação dos radialistas eram tão expressivas que Tavares (1999, p. 89) destaca que “o locutor de rádio era quase um deus. Houve casos em que os locutores (pelo prestígio individual de cada um) acabavam sendo mais importantes que os próprios programas por eles apresentados.” O próprio autor nomeia a relação dos dez melhores locutores do ranking nacional de 1923 até 1960 como: Jorge da Silva, Carlos Frias, Celso Guimarães, César Ladeira, Cid Moreira, Luiz Jatobá, Ramos Calhella, Otávio Gabus Mendes, Raul da Gama Duarte e Saint-Clair Lopes. Vicente foi

⁴ Rádio Guairacá foi a terceira emissora de Curitiba. A Guairacá montou uma equipe de profissionais de alto nível e não economizou na contratação de talentos para formar seu quadro de funcionários. A grande equipe era comandada por Aluizio Finzetto (JAMUR JUNIOR, 2004).

⁵ A Rádio Tropical Solimões (estação: 830 kHz AM) é uma rádio AM da cidade de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro. Foi fundada a 19 de julho de 1956. (RÁDIO..., 2011).



influenciado por eles e por profissionais como o José Russo⁶, indicado por Vicente como o mais importante da época.

2.2 O NOME LEOZINHO

Foi mais ou menos nessa época, entre 1957 e 1958, que Vicente virou Leozinho. Em uma passagem por São Paulo, o músico manteve contato com Palmeira, da dupla Palmeira e Luizinho. Os dois haviam rompido o trabalho e estavam à procura de novos parceiros. Vicente chegou a cantar com Palmeira em algumas ocasiões, e para manter a sonoridade do nome artístico da dupla, a ideia foi usar o nome de Leozinho. Assim, estava criada a dupla Palmeira e Leozinho que durou pouco tempo, não mais do que meia dúzia de apresentações.

No início de 1959, Leozinho recebeu uma carta de um tio contando as novidades da região. Nela, havia a informação de que uma rádio fora inaugurada no município de São Miguel do Oeste, cerca de 120 quilômetros da localidade onde Leozinho havia nascido. A notícia ficou martelando na cabeça do músico-radialista. Depois de conversar com o parceiro de palco, Zé Gaúcho, eles resolveram arriscar e deixaram o Rio de Janeiro para trás. Zé Gaúcho e Leozinho tomaram o caminho do Sul outra vez.

Chegando em São Miguel do Oeste, a dupla se apresentou no antigo cinema Cine Cacique e tiveram algumas participações nas rádios da região. Antes do final de 1959, Zé Gaúcho resolveu seguir para Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, onde casou e montou uma dupla sertaneja com a mulher, deixando Leozinho sem parceiro.

Leozinho ficou em Santa Catarina e gostou de São Miguel do Oeste. Estava chegando a hora de inverter a ordem das profissões. O rádio, que até então era um complemento para o músico, agora se tornaria a sua ocupação principal.

2.3 A CHEGADA EM SÃO MIGUEL E A TRAJETÓRIA NA RADIO PEPERI

Antônio Vicente Schmitz, a essa altura já conhecido como Leozinho, chegou a São Miguel do Oeste em 28 de maio de 1959. O primeiro contato com a nova cidade, no entanto não foi muito animador. Ele explica por que:

Quando eu cheguei aqui me apavorei, porque tinha poucas casas na cidade. Acho que não tinha 300 casas. Era separada a cidade baixa da cidade alta. Tinha só uma rua que separava a cidade alta da cidade baixa. Era a rua Sete

⁶ José Russo começou a carreira em 1958 na Rádio Excelsior em São Paulo. Recebeu mais de 20 troféus, incluindo entre eles o de melhor apresentador, melhor programa e melhor locução, entre outros. Em seus programas, era comum o bordão "Fala Zé! Falo, falo sim." (DICIONÁRIO..., 2011, grifo do autor).



de Setembro. A Almirante Tamandaré, Almirante Barroso, era tudo mato. Esse morro que tem nas proximidades do Banco do Brasil era tudo mato. O pessoal fazia roçada de foíce e plantava milho e feijão. Então eu me arrependi quando cheguei aqui. Mas veja a situação: sujeito sem dinheiro, não tem como voltar. Então, eu fiquei mais pela obrigação do que pela vontade. O povo era muito bom, muito simples e eu sempre gostei da simplicidade. Eu me entrosei com o povo e acabei ficando. (SCHIMITZ, 1984, informação verbal).

Antes do final do ano, Zé Gaúcho, então, foi embora para o Rio Grande do Sul, para Frederico Westphalen, Leozinho ficou sem o companheiro e sozinho no programa. O rompimento da dupla não desmotivou o radialista que resolveu, pela primeira vez, abraçar integralmente o rádio. O convite para compor a equipe de locutores da emissora foi feito pelo então diretor Hugo Mariani, como ele lembra:

Ele só me perguntou se eu tinha interesse em trabalhar no rádio. Mas sem ser bico. Porque até ali, a música foi o carro chefe e o rádio era o bico. Ele perguntou se eu tinha interesse em mudar. E aceitei. Estava cansado. A vida de artista é pior do que de cigano. Porque você está aqui, você está lá, você não consegue fazer uma amizade. Você não consegue ter um lugar para voltar de noite. Você anoitece aqui, mas você não sabe onde vai posar amanhã. Eu era sozinho. O Zé Gaúcho também. Aí eu aceitei ficar aqui. (SCHIMITZ, 2011, informação verbal).

O desejo de Leozinho de fixar raízes não ficou restrito ao campo profissional. No campo afetivo, a intenção do radialista também era a de buscar um porto seguro. Um ano depois de chegar em São Miguel do Oeste, o radialista conheceu a futura esposa, Valesca Eulália Grazel.

Assim que acertou a permanência na rádio Colméia, Leozinho começou a apresentar um programa sertanejo das 7h às 8h da manhã. O nome da atração era *Alma Sertaneja*. Depois de ganhar a audiência e a confiança da direção da empresa, ele começou a trabalhar durante a tarde também. No período vespertino, Leozinho apresentava o programa “Rancho Alegre”, das 15h às 16h. Pela parte da manhã, o espaço era preenchido com músicas sertanejas de raiz enquanto que no período da tarde, as canções eram sertanejas, gauchescas e tradicionalistas.

Leozinho permaneceu no ar com os dois programas por cerca de 20 anos. Ele só deixou de apresentar o *Alma Sertaneja* e o *Rancho Alegre* no início dos anos de 1980. Em julho de 1982, ele assumiu o programa que apresenta até hoje. O *Bom dia Sertanejo* tem duas edições semanais aos sábados e domingos.

Ao longo de 57 anos de rádio, Leozinho tem muitas histórias para contar. As que mais marcaram o profissional, no entanto, são aquelas que evidenciam a força do rádio e



o seu papel comunitário. Na visão do radialista, o veículo não pode se furtar da missão de ajudar as pessoas, de defender o povo e contribuir para a solução dos problemas da comunidade, explica por que:

Eu sempre digo, que o rádio sempre foi mais importante do que tudo quando coisa que foi inventada. É mais importante que tudo essa parafernália que tem por aí. O rádio vai ser ouvido na costa do rio Peperi, na costa do Uruguai, na costa do rio Paraná, vai no meio do Pantanal. Qualquer caboclo tem um radinho de pilha. Ele transmite o aviso que ele precisa ouvir e lá não tem telefone, não tem televisão, não tem internet, não tem nada. O rádio vai lá no rancho dele.[...] Por que o radialista que não trabalhar para servir o povo, deixa de ser radialista. Ou é radialista para informar corretamente e ajudar na hora que precisa, é você que tem o microfone na mão, ou você deixa de ser radialista. Eu tenho todo esse prestígio, graças a Deus aqui no Oeste Catarinense, por causa disso. Eu sempre fui um cara muito prestativo. (SCHIMITZ, 2011, informação verbal).

A visão de Leozinho segue, de certa forma, a linha de pensamento de autores como Barbosa Filho (2004). O autor chama a atenção para a função social e comunitária do rádio. Segundo o autor, o veículo, desde a sua origem, vem se firmando como um serviço de utilidade pública. Nesse sentido, o locutor assume um papel chave no cumprimento dessa missão do rádio. “É importante o comunicador reter que a prestação do serviço público, por intermédio do rádio possui força e poder inimagináveis. Ele, o rádio, tem a magia de cativar e seduzir os seus ouvintes.” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 50). A atuação de Leozinho, evidentemente, não pode ser considerada como uma comunicação comunitária em sentido pleno, como é defendido por Peruzzo (2004), mas, de forma elementar, o radialista coloca o cidadão comum em primeiro lugar e direciona a comunicação para os interesses do ouvinte.

Em tempos de rádio na internet e de gostos musicais cada vez mais plurais, alternativos e descartáveis, Leozinho mantém no ar o programa *Bom Dia Sertanejo* há 29 anos. O repertório valoriza o mesmo tipo de música que o levou para os palcos e para os microfones das emissoras de rádio: a música sertaneja de raiz.

3 A RÁDIO PEPERI E O BOM DIA SERTANEJO

A história da rádio Peperi começa no ano de 1959. Alguns meses antes de Leozinho chegar a São Miguel do Oeste, era inaugurada a primeira emissora de rádio do extremo-oeste do estado (SEVERO; GOMES, 2009). A rádio Colméia, prefixo ZYT 40, começou suas transmissões em um domingo, dia 29 de março de 1959. A troca do nome para rádio Peperi ocorreu cerca de 20 anos depois, no dia 1º de maio de 1979. Em



1984, a rádio foi adquirida pela família Baldissera, que logo passou a investir no jornalismo. A rádio Peperi hoje é a cabeça de rede de um grupo formado por outras seis emissoras: são as rádios Itapiranga AM de Itapiranga, Oeste FM de Iporã do Oeste, Cedro FM de Iporã do Oeste, Atalaia de Campo Erê, Cidade AM e Top 104 FM de São Miguel do Oeste.

O programa *Bom Dia Sertanejo* apresentado por Leozinho, tem duas edições semanais. A primeira vai ao ar nos sábados, das 5h às 6h30 da manhã. Já no domingo, o programa começa as 6h e vai até as 7h30. Como o próprio nome diz, o programa valoriza a música sertaneja de raiz. As produções mais recentes, denominadas de sertanejo romântico, não são executadas no programa. Como músico defensor desse tipo de canção, Leozinho criou o *Bom Dia Sertanejo* para preservar e manter vivo o sertanejo raiz.

A música raiz é aquela cantada em primeira e segunda voz, ou ainda somente com uma voz, tocada com viola e violão e a letra se refere ao interior. É sertanejo, sertanejo mesmo. Essas coisas que estão cantando por aí não é sertanejo. Então, a letra da música tem que falar lá do interior, da mata, do homem e da mulher do interior, da escolinha e da igreja do interior, da cascata, da vaca de leite e das galinhas lá do interior. A minha música sertaneja é a que fala isso aí. (SCHIMITZ, 2011, informação verbal).

O conceito de Leozinho é reforçado pelo de Caldas (1987). O autor explica que o sertanejo raiz, além da evidente função lúdica e de lazer, destaca nas suas letras o mutirão das comunidades rurais, o ritual religioso das festas tradicionais da igreja e o cotidiano do homem da roça. Por abordar coisas comuns do dia-a-dia, a música serve como “elemento agregador da própria comunidade, mantendo-a coesa através da prática e da preservação dos seus valores culturais.” (CALDAS, 1987, p. 15).

A música sertaneja raiz surgiu no final da década de 1920. Esse tipo de canção originou-se da cultura dos povos que viviam nas áreas rurais e pequenas comunidades.

A música sertaneja como tal surgiu em 1929, quando Cornélio Pires, pesquisador, compositor, escritor e humorista, começou a gravar "causos" e fragmentos de cantos tradicionais rurais na região cultural caipira, que abrange a área do interior paulista, norte e oeste paranaenses, sul e triângulo mineiro, sudeste goiano e mato-grossense. Na época das gravações pioneiras de Cornélio Pires, o gênero era conhecido como música caipira, cujas letras evocavam a beleza bucólica e romântica da paisagem, assim como o modo de vida do homem do interior em oposição à vida do homem da cidade. Hoje tal gênero é denominado música raiz, com as letras dando ênfase no cotidiano e maneira de cantar. (MODA..., 2011).



Segunda Caldas, a música sertaneja pode ser dividida em três fases. A primeira que vai de 1929 a 1944, como música raiz. A segunda fase vai do pós-guerra aos anos de 1960 e é considerada uma fase de transição. A fase atual iniciou na década de 1960 e nesse período, o sertanejo entra em uma fase romântica. A música sertaneja, derivada da música caipira, tornou-se um produto da indústria cultural a partir dos fins dos anos de 1950 e início dos anos de 1960. “A partir desse momento, a música sertaneja se distancia das suas origens rurais, nada mais tendo a ver com a música caipira, de onde surgiu em 1929.” (CALDAS, 1987 p. 64).

Ao analisar a música sertaneja e o seu consumo, Pavan (2006, p. 95) considera que os produtores musicais “se destacam porque conseguem construir uma perspectiva de criação que apresenta uma visão de abertura, pluralidade e reciprocidade entre a obra e o mosaico dinâmico do contexto sociocultural.” Para o autor, o olhar sobre a música sertaneja deve levar em conta os três sistemas culturais que existem no Brasil: oral/iletrado, urbano/de consumo e acadêmico/erudito. É nesse viés que o autor analisa a transição da música sertaneja raiz para a música sertaneja romântica.

Ao investigarmos as origens do gênero musical sertanejo, constatamos que ele encontra suas matrizes em sentimentos diversos, que podem estar ligados a aspectos como o sofrimento, a união e a simplicidade, ou relacionados ao prazer, ao caráter lúdico da sociabilidade. Os primeiros aparecem normalmente ligados às dificuldades e rusticidade presentes no cotidiano do camponês brasileiro, enquanto os últimos se identificam com a convivência familiar, com as festas populares e ao que os receptores identificaram como uma ‘matriz romântica (PAVAN, 2006, p. 96).

O programa *Bom Dia Sertanejo* apresentado por Leozinho é um espaço de resgate e preservação da música sertaneja que fez sucesso antes dessa migração para o estilo romântico ou universitário, como temos hoje. A vinheta de abertura do programa deixa essa intenção muito clara. Um solo de viola antecede a locução que anuncia o início do programa. Na sequência, uma moda de viola traz na letra um pouco da essência do programa e do próprio apresentador. O verso da música tema, interpretada por Lio e Léo, usada em todas as edições, faz referência ao sertanejo, perfil que aparece em muitas canções do gênero. A letra diz o seguinte: “Venho do meu sertão para falar de coisas que ele tem. Meu jeito assim pacato é por ser do mato reparem bem. Vejam essa mensagem trago coragem e amor também.”(O SERTANEJO...2011). Ao abrir o programa, Leozinho parece incorporar esse tipo e se apresenta também como um sertanejo, um caboclo que chega na casa de um conhecido.



E é isso aí moçada. Enquanto os homens anunciaram estamos chegando lá no rancho do amigo. Ô meu compadre velho, ô minha comadre. Me dê licença que nós vamos bolear a perna do matungo e vamos chegar para te fazer um costado no mate, tirar uns dois dedos de prosa, falar um pouco das nossas coisas, da nossa gente, da nossa terra. Mas meu amigo, minha amiga, vocês que já estavam com o rádio ligado, vocês que estão ligando agora, recebam o abraço da turma da Peperi na madrugada de hoje. É o velho Léo, como de costume, contando pataquada e lorota para os amigos. (SCHMITZ, 2010, informação verbal)

Leozinho se dirige ao ouvinte de forma simples e direta, realçando aspectos comuns da comunidade, como o fato de tomar mate logo pela manhã. O radialista trata os ouvintes como compadres e comadres e é bastante comum ele se autodenominar como o “velho Léo” ou então, o “esse caboclo velho.” As expressões que o radialista usa compõem o ambiental criado pelo programa onde só rodam músicas sertanejas raiz e algumas gauchescas.

A presença sonora e diariamente do radialista na casa dos ouvintes cria uma relação de proximidade entre receptor e emissor. Em alguns casos é mais do que isso, uma vez que “a fala do locutor ao microfone é percebida pelos ouvintes como real e presente e proporciona uma relação de empatia e identificação.” (BALSEBRE, 2005, p. 331). O autor considera ainda que o locutor, ao ler um texto tenta ser o mais natural para estabelecer intimidade com o ouvinte e reduzir a distância entre eles.

Percebe-se, ao analisar a linguagem predominante do programa Bom Dia Sertanejo, o uso predominante da função fática da linguagem. Jakobson (1999) estabelece que a linguagem tem seis funções principais, entre elas a fática. Esta, segundo o autor, serve para manter a comunicação e privilegiar o contato com o receptor. O objetivo é manter uma maior aproximação entre emissor e receptor. A intenção central é estabelecer a comunicação e controlar sua eficácia, prendendo a atenção do receptor com o uso de expressões cordiais e que aproximem o ouvinte da mensagem.

A proximidade e a identificação entre locutor, música raiz e ouvinte podem ser percebidas a partir do relato de alguns ouvintes. O prefeito de São Miguel Nelson Foss da Silva, por exemplo, é ouvinte do programa *Bom Dia Sertanejo* desde os anos de 1980. Filho de agricultores e um dos líderes do Movimento Sem-Terra antes de entrar para a política, Silva diz que gosta do programa porque Leozinho tem o estilo dele. O ouvinte afirmou que a música sertaneja raiz é de fundamento e conta a história



verdadeira. “A música raiz mexe muito comigo. Quem conhece a lida do campo, quem vive ou já viveu na roça, sabe como é. A música raiz tem a ver com a história da gente.” (SILVA, 2011, informação verbal) Toda vez que ele ouve o programa, lembra-se dos tempos em que ganhava a vida de sol a sol e lutava por um pedaço de terra para plantar e produzir. “É um sentimento bom de ver a história da gente sendo contada ali na música”, revela Silva (2011, informação verbal).

É nesse mesmo sentido que segue o relato da aposentada Otacília Gonçalves. Ela é ouvinte dos programas do Leozinho há cerca de 40 anos, desde que trocou Governador Valadares em Minas Gerais por São Miguel do Oeste. A aposentada diz que ao chegar na cidade passou a ouvir o programa porque ele executava as mesmas músicas da terra dela. O sertanejo raiz fazia a ouvinte lembrar-se da terra natal. Ela reforça que volta ao passado quando ouve o “Bom Dia Sertanejo”.

Eu volto ao passado, como não volto. A gente lembra a mocidade. A música Velha Porteira conta tudo de mim, conta a minha história. E eu vou te dizer, eu chorava quando ouvia. E hoje me dói o coração porque conta tudo sobre a minha vida. Em 2007 eu fiz uma viagem para minha terra, em Governador Valadares e quando cheguei lá encontrei tudo mudado, tudo diferente. Na hora eu lembrei a música Velha Porteira e do Leozinho. Ele é uma pessoa muito especial. (OTACÍLIA, 2011, informação verbal)

A música Velha Porteira, que Otacília faz referência, é da dupla Lourenço e Lourival⁷. A canção conta a história de um sertanejo que retorna a localidade e a fazenda onde foi criado, assim como a ouvinte. É oportuno ressaltar aqui um trecho da canção:

Ao passar pela velha porteira
Senti minha terra mais perto de mim
De emoção eu estava chorando
Porque minha angústia chegava ao fim
Eu confesso que era meu sonho
Rever a fazenda onde me criei
Não via chegar o momento de abraçar de novo
Meu querido povo que um dia eu deixei
Que surpresa cruel me aguardava
Ao ver a fazenda como transformou
Quase todos dali se mudaram
E a velha colônia deserta ficou (VELHA...)

⁷ Os irmãos Arlindo (Lourenço) e Antônio (Lourival) formam uma das duplas mais tradicionais do sertanejo raiz. Em 45 anos de carreira, eles lançaram mais 30 LPs pela gravadora Chantecler, trabalhos remasterizados e disponíveis atualmente em CDs, e 15 títulos pela gravadora RGE. (A HISTÓRIA....2011)



Esse elemento de identificação com as histórias contadas pelas letras das músicas sertanejas raiz também aparece no relato de Romi Londero. A ouvinte conta que aprendeu a gostar do programa do Leozinho com o pai, que acordava as 4h30 da manhã para acompanhar o *Bom Dia Sertanejo*. Junto com o pai, ela foi pegando gosto e hoje não perde uma edição. O sentimento que Romi tem ao ouvir o rádio é de saudade e lembrança.

Eu gosto das músicas do Tônico e Tinoco. Porque a gente é meio caipira. Foi criado na roça. Eu vim para o cá quando eu tinha 11 anos. A gente morava no Rio Grande do Sul e lá a gente tinha um sítio, com lavouras, com bicharada solta pelo terreno. A gente tem saudades daquele tempo e ouvindo essas músicas a gente lembra essa época que não volta mais. (LONDERO, 2011, informação verbal)

A linguagem simples e direta de Leozinho é feita de improviso, mas o programa segue uma estrutura predefinida. Como diz Ferrareto (2007) o trabalho do apresentador de programa de rádio fundamenta seu trabalho no improviso estruturado.

“Cada vocábulo dito por ele não correspondente necessariamente a uma palavra previamente escrita – daí o improviso -, mas a condução do programa orienta-se por um roteiro ou espelho elaborado antes da transmissão – onde se explica o estruturado.” (FERRARETO, 2007, p. 312).

Se por um lado, a fala de Leozinho é sempre improvisada, direta e muito coloquial, os espaços musicais do programa são extremamente estruturados. O radialista pesquisa as músicas com antecedência e escolhe as cerca de 10 ou 12 que vão ser executadas em cada edição. O profissional tem uma discoteca de mais de mil músicas raiz. O material foi selecionado entre os discos de vinil da antiga rádio Colméia e digitalizado em CDs. Leozinho procura fazer um rodízio para evitar a repetição das canções e de artistas. Alguns cantores, no entanto, tem presença assegurada com uma frequência maior do que outros. É o caso, por exemplo, da dupla Lourenço e Lourival.

A relação de proximidade com os ouvintes e os pontos de identificação entre o *Bom Dia Sertanejo* também favorece os patrocinadores do programa. É o caso, por exemplo, da JR Donassolo, uma empresa voltada para a venda de produtos agrícolas. A loja anuncia no programa do Leozinho há cerca de 30 anos. O empresário Renato Donassolo afirma que a publicidade segue a mesma linha do programa: simples e direta. Ele explicou que isso acaba dando retorno e os clientes sabem das promoções e ofertas pelo programa do Leozinho.



O programa *Bom dia Sertanejo* constitui-se em um raro espaço de divulgação e preservação da música sertaneja raiz. Para Leozinho, o programa é um marco na radiodifusão de Santa Catarina. O apresentador apresenta o Bom Dia Sertanejo com orgulho e indisfarçável paixão. O radialista também considera que a linguagem do programa é um dos fatos que explica tanto tempo no ar. O uso de expressões simples e a fala improvisada como quem está realmente conversando com o compadre que está do outro lado do rádio aproximam receptor e ouvinte. Leozinho reconhece essa situação e ressalta que a música também deve ser assim, como a fala do rádio: simples, direta e versando sobre as coisas que fazem parte do cotidiano das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória profissional de Antônio Vicente Schmitz, o Leozinho, funde-se com a história do rádio de São Miguel do Oeste. Desde os tempos em que ele sonhava com os microfones de verdade ao empunhar um sabugo de milho no interior de Marechal Bormann até os dias atuais nos estúdios da rádio Peperi, o radialista manteve uma linha de coerência profissional e de valorização do veículo.

Leozinho não abandonou, em nenhum momento de sua caminhada pelo rádio, as suas origens. A música sempre esteve no sangue deste catarinense de 75 anos, em especial o sertanejo raiz. Foi graças a música que Leozinho entrou em uma rádio pela primeira vez em 1954. O radialista foi para a Rádio Chapecó para cantar e dividiu os anos seguintes entre a viola e o microfone.

Hoje, com 57 anos de rádio, ele presta um tributo a música raiz com o “Bom Dia Sertanejo”. O programa é um dos poucos no estado que mantém uma programação voltada para o sertanejo de raiz. Além da música, o estilo de apresentação e a linguagem reforçam e revivem o estilo simples e rural que caracterizou a população de São Miguel do Oeste nos primeiros anos de colonização. Esse cenário sonoro do “Bom Dia Sertanejo” recria nos ouvintes um sentimento de saudade e identificação com o Brasil caipira e caboclo das décadas passadas. Talvez por isso o programa esteja no ar há tanto tempo com os mesmos fiéis patrocinadores e ouvintes.

Por fim, registrar a história de Antônio Vicente Schmitz é contribuir para preservação e valorização de profissionais que dedicam a vida inteira ao veículo. São radialistas como Leozinho que fazem do rádio um meio de comunicação que atravessa o tempo sem perder uma de suas principais características: estar perto do ouvinte, inserido



no contexto cultural da recepção, sendo, ao mesmo tempo, elemento de criação/reprodução e resultado desse contexto.

Como profissional do rádio, entendemos que o resgate histórico da trajetória de Antônio Vicente Schmitz, o Leozinho, pode servir de estímulo e aprendizagem as novas gerações de locutores.

Ao longo de sua trajetória profissional, Leozinho sempre fez questão de falar a língua do povo, de aproximar o rádio das pessoas e atender aos pedidos e necessidades dos ouvintes. O presente trabalho serviu, desse modo, para mostrar que a audiência do rádio depende muito da sintonia entre locutor e ouvinte. O radialista encastelado, longe do ouvinte, não consegue segurar um programa muito tempo no ar. Leozinho, com seu jeito simples e direto, é uma demonstração de que o rádio feito a partir do contexto da recepção pode ter vida longa, ainda mais quando feito com amor e dedicação.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA** da dupla Lourenço e Lourival. Disponível em:
<<http://www.lourencoelourival.com.br/?pagina=novidades&cod=1>>. Acesso em: 05 nov. 2011
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 327-346.
- BARBOSA FILHO, André (Org.). **Rádio sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004. 234 p.
- CALABRE, Lia. Rádio e imaginação: no tempo da rádio novela. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; CUNHA, Magda Rodrigues (Orgs.). **Rádio brasileiro: personagens e episódios**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 49-65.
- CALDAS, Waldenyr. **O que é música sertaneja**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 84 p.
- DICIONÁRIO Cravo Albin da música popular brasileira. Disponível em:
<<http://www.dicionariompb.com.br/jose-russo>>. Acesso em: 27 out. 2011.
- DONASSOLO, Renato. **Informação verbal**. São Miguel do Oeste, 2011. Entrevista concedida a pesquisadora.
- FERRARETO, Luiz Artur. **O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2007.
- FESTA da imprensa catarinense se firma como principal evento de SC. 2010. Disponível em:
<<http://www.casadojornalista.org/site/?p=1723>>. Acesso em: 03 nov. 2011.
- GOMES, Marco Aurélio; SEVERO, Antunes (Org.). **Memória da radiodifusão catarinense**. Florianópolis: Insular, 2009. 239 p.



GONÇALVES, Otacília. **Informação verbal**. São Miguel do Oeste, 2011. Entrevista concedida a pesquisadora.

HISTÓRIA da música sertaneja. Disponível em:

<<http://www.musica.ahistoria.com.br/Hist%C3%B3ria-da-M%C3%BAsica-Sertaneja-12.html>>. Acesso em: 27 out. 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1999. 162 p.

JAMUR JUNIOR, J. **Sintonia fina**: histórias do rádio. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.

Disponível em: <<http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=25814>>. Acesso em: 17 out. 2011.

KOHLs, Dóris; KOHLs, Rosana. Santa Catarina: da ocupação tardia à industrialização precoce. In: ZOTTI, Solange Aparecida (Org.). **História faz história**: contribuição ao estudo da história regional. Concórdia: Ed. da Universidade do Contestado, 2006. p. 21-41.

LONDERO, Romi. Informação verbal. São Miguel do Oeste, 2011. Entrevista concedida a pesquisadora em 2011.

MODA de viola. Disponível em: <http://www.raizcaipira.com.br/moda_de_viola/index.html>. Acesso em: 27 out. 2011.

O SERTANEJO é um forte. Disponível em: <<http://www.letras.com.br/liu-e-leu/o-sertanejo-e-um-forte>>. Acesso em: 29 set 2011.

PAVAN, Ricardo. O sertanejo midiaticizado: gêneros e mediações na conexão popular/massivo. **Animus Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. V, nº 2, julho, 2006.

RÁDIO Tropical Solimões. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Tropical_Solim%C3%B5es>. Acesso em: 27 out. 2011.

PERUZZO, Cicilia. **Comunicação nos movimentos populares**: A participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 2004. 342 p.

SCHMITZ, Antonio Vicente. **Entrevista com Leozinho**. São Miguel do Oeste, 1984. Entrevista concedida ao programa O outro lado do eu, da Rádio Peperi.

SCHMITZ, Antonio Vicente. **Informação verbal**. São Miguel do Oeste, 2011. Entrevista concedida a pesquisadora.

SCHMITZ, Antonio Vicente. **Bom Dia Sertanejo**. São Miguel do Oeste, 2010. Texto de abertura do programa.

SILVA, Nelson Foss. **Informação verbal**. São Miguel do Oeste, 2011. Entrevista concedida a pesquisadora.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Harbra, 1999. 309 p.

VELHA Porteira de Lourenço e Lourival. Disponível em:

<<http://letras.terra.com.br/lourenco-e-lourival/282498/>>. Acesso em 11 nov. 2011.